

O "Dicionário Kazar"

As múltiplas leituras de um texto ou a construção/desconstrução da obra literária

ALEKSANDAR JOVANOVIĆ

ALEKSANDAR JOVANOVIĆ é professor de Linguística da Faculdade de Educação da USP, organizador e tradutor de uma antologia de poesia iugoslava moderna.

O *Dicionário Kazar* – romance-enciclopédia em 100 mil palavras, do escritor iugoslavo Milorad Pavić, lançado em Belgrado em 1984, em servo-croata, toma como ponto de partida a história do povo kazar, único da história a converter-se, em massa, ao judaísmo. A origem e o destino desse povo das estepes da Eurásia é, no mínimo, nebuloso e o autor arma a fabulação quase antiborgesianamente, narrando a(s) história(s) (im)provável(is) de um povo que existiu, *de facto*, mas desapareceu nas névoas e voragens da história. Seu livro, no entanto, são três livros e o romance-enciclopédia é um exercício de construção/desconstrução da obra literária e, ao mesmo tempo, um sagaz questionamento dos limites da própria obra literária e do processo de leitura.

O autor

Milorad Pavić, nascido em 1929, na Sérvia, é um conhecido professor de História da Literatura, autor de diversos trabalhos de relevo sobre o Barroco e o Classicismo na Sérvia, e a respeito do poeta Vojislav Ilić (1860-1894). Suas obras teóricas são as seguintes: *História da literatura sérvia do período barroco – séculos XVII-XVIII*, de 1970; *Vojislav Ilić e a poesia européia*, de 1971; *Gavril Stefanović Venclović*, de 1972; *Vojislav Ilić, sua época e sua obra* (crônica de uma família de poetas), de 1972; *História da literatura sérvia do classicismo e do pré-romantismo*, de 1979; *Gestação da nova literatura sérvia*, de 1983, e *História, classe e estilo*, de 1985.

Pavić estréia como ficcionista em 1967, com o livro de poemas *Palimpsestos*. Publica, em 1971, outra coletânea de poesias, sob o título *A pedra da lua*. Em 1973, edita *A cortina de ferro*, livro de contos. Prossegue com este gênero, em 1976, com *Os cavalos de São Marko*; em 1979, com *O galgo russo* e *Contos de Nova Belgrado*, de 1981. Edita um volume intitulado *As almas banham-se pela última vez*, com poemas e contos, de 1982. O *Dicionário Kazar* – romance-enciclopédia em 100 mil palavras, de 1984, vencedor do prêmio Nin de Literatura, na Iugoslávia, é seu primeiro romance.

No palco da história

Alguns condimentos de história são indispensáveis para a compreensão do livro de Pavić. O império dos Kazares estendia-se, até o século IX d.C., entre os rios Dnipró e Dniéster e o Mar Negro, numa região correspondente, *grosso modo*, à atual Ucrânia. A capital do reino era a cidade de Kii (Kiev?). Este povo asiático, supostamente de origem turco-mongol, representava uma ponte entre a Europa do Leste e o Médio e Extremo orientes. A fundação da Rus' kievana, pelas tribos eslavas, implica a destruição do império dos Kazares.

Constantino (Cirilo) e Metódio, evangelizadores dos eslavos, antes de receberem a incumbência de dirigir-se à Grande Morávia, do príncipe Rastislav, verter as Escrituras para um idioma eslavo e converter esses povos ao cristianismo, participam da chamada *missão kazar*. Segundo textos medievais, redigidos em eslavo eclesiástico (*Lendas panônicas, A vida de Constantino, A vida de Metódio*), a viagem tinha, dentre outros objetivos, o propósito de firmar acordos militares entre Bizâncio e o reino kazar, para proteger o Império Romano do Oriente dos ataques

O *Dicionário Kazar* de Milorad Pavić já foi traduzido para o português e será lançado, no primeiro semestre deste ano, pela editora Marco Zero.

dos varegues-russos e dos árabes, e verificar a influência concreta das religiões muçulmana e judaica sobre a vida daquele povo.

A *crônica de Nestor* também fornece algumas informações (semilendárias) sobre os kazares e sobre a fundação da Rus' kievana. De acordo com este texto, os guerreiros varegues, provavelmente de origem germânica, estabelecem-se ao norte da atual Rússia, e governam as populações eslavas. Riúrik, Sineus e Truvor, três irmãos, teriam chegado à Rússia em 862. Os habitantes de Nóvgorod, insatisfeitos com o governo varegue, desejam dirigir-se rumo ao sul. Askold e Dir, dois homens da corte de Riúrik, teriam pedido permissão para viajar a Constantinopla. Mas, às margens do rio Dnipró, encontram uma cidade, construída sobre uma colina e que teria sido fundada por três irmãos (Kii, Chtchek e Khóriv), cujos descendentes eram tributários dos kazares.

Em 921 d.C., Ahmed Ibn-Fadlan, emissário do califa Al-Muqtarid (908-932), da dinastia dos Abássidas, empreende uma viagem às terras dos búlgaros do Volga, russos e outros povos da estepe, saindo de Bagdá. Durante muitos séculos, a crônica de Ibn-Fadlan foi conhecida apenas através da *Enciclopédia geográfica*, de Yaqut, o Bizantino (1179-1229). Contudo, em 1924, fragmentos do texto original de Ibn-Fadlan foram descobertos na cidade iraniana de Meshkhed. Em 1977, a Academia de Língua Árabe, de Damasco, edita o texto, aos cuidados de Sami al-Dikhan. Ibn-Fadlan afirma, em sua crônica, dentre outras coisas, que os kazares mantinham prisioneiros oriundos do califado de Bagdá. Explica que o rei (cã) dos kazares possuía 25 esposas, 60 concubinas e governava pelo exato período de 40 anos. Outro dado interessante: a capital do império estava situada à margem de um rio, dividindo os kazares convertidos ao Islã dos demais kazares que, juntamente com o grande-cã, haviam recebido o judaísmo.

A polêmica histórica, ainda existente, diz respeito ao fato de os kazares terem sido o único povo a converter-se, em massa, ao judaísmo. Marcos Margulies, por exemplo, em sua tese de doutoramento em História – *A evolução dos contatos intergrupais na Europa da Idade Média através do relacionamento entre judeus e russos* – traça um grande painel relativo ao gradativo desaparecimento do povo kazar. O autor baseia sua pesquisa em fontes bibliográficas redigidas em quase duas dezenas de idiomas, ocidentais e orientais. Não há, contudo, uma posição definitiva sobre o destino dos kazares que, em tese, poderiam ter se diluído entre os judeus *ashkenazim* da Europa Oriental.

Liber ludens, lector ludens et scriptor ludens

Pavić concebe o romance-enciclopédia sob a forma de um dicionário, com verbetes organizados em ordem alfabética. Trata-se, no entanto, de três vias distintas: o Livro Vermelho corresponde às prováveis fontes cristãs sobre a "questão kazar"; o Livro Verde, às eventuais fontes islâmicas e o Livro Amarelo, às possíveis fontes hebraicas.

Construído sob a forma de um verdadeiro quebra-cabeças, o *Dicionário Kazar* pode ser lido das mais diversas maneiras. E cada nova (e diferente) leitura conduz a uma distinta ordenação sintagmática da narrativa. Com isto, o autor busca colocar por terra a noção de que um romance deve ter começo e fim. Fim e começo estão atados, de modo indissolúvel, a um novo (re)início.

Pavić fornece algumas "pistas" para seus leitores, a respeito do "método" a ser adotado para "ingressar" no mundo desvendado pelo romance-enciclopédia. Assim, na seção intitulada "Observação final a respeito da utilização deste dicionário", o escritor iugoslavo afirma, textualmente: "Um livro pode ser um vinhedo regado pela chuva ou um vinhedo regado pelo vinho. Este é do primeiro tipo, como todos os dicionários. O dicionário é um livro que exige pouco tempo, todos os dias, mas toma muito tempo, ao longo dos anos. E não se deve subestimar semelhante perda". Logo adiante, complementa: "(...) a leitura a quatro mãos ainda não foi adotada". Por isso, recomenda que sejam tomados os exemplares masculino e feminino (sic), ambos sejam comparados, justapostos, como num jogo de dominós.

Uma combinação de humor sutil e fina ironia percorre o texto, porque Pavić observa, em suas "Considerações iniciais à segunda edição, reconstruída e emendada", que existe um acordo tácito entre autor e leitor. O primeiro sentará à noite, para escrever as observações. O segundo as lerá depois do almoço. "Deste modo – acrescenta – a fome obrigará o Autor a ser breve, e o leitor farto terá a impressão de que a introdução é demasiado longa."

De outro lado, o escritor lembra nas "Considerações iniciais" que o público leitor contemporâneo entende o problema do devaneio como sendo de competência exclusiva do escritor. Não diz respeito, em absoluto, a quem lê uma obra. "Este tipo de leitor – completa Pavić – sequer necessita de uma clepsidra para avisá-lo sobre a exigência de alterar a forma da leitura, porque o leitor contemporâneo jamais modifica seu modo de ler."

Ao caminhar sobre um verdadeiro fio de navalha, que estabelece as balizas estreitas entre a fabulação e a história, Milorad Pavić coloca em xeque o problema da verossimilhança na obra de ficção, e lança uma espécie de repto-charada, referente ao gênero fantástico, mostrando que o real pode ser concebido como irreal, e vice-versa. Ao mesmo tempo, enfatiza o aspecto lúdico da construção e consumo da obra literária, ancorado numa concepção clara de que cada processo de enunciação de decodificação de uma obra, cuja matéria-prima é o código verbal, implica, necessariamente, um novo (e distinto) processo de enunciação de codificação, por parte do enunciador-leitor. Embaralhando, de modo proposital, os processos de enunciação de codificação e decodificação e o percurso sintagmático da narrativa, o autor desafia os leitores a construírem a pluri-isotopia do texto a partir de sucessivos "saltos" realizados com (e) (n)as estruturas narrativas. Assim, Pavić propõe as noções de livro-baralho, livro-dominó e livro-xadrez, deixando implícitas as de *liber ludens*, *lector ludens* et *scriptor ludens*...

Personagens heterônimos

Embora seja extremamente difícil resumir a riqueza de técnicas de que o autor se vale para construir o romance-enciclopédia, fica evidente o intento de pregar uma peça ao leitor, através do que pode ser chamado de "heteronímia dos personagens". Deste modo, a unidade e diversidade não é do escritor, como em Fernando Pessoa, mas dos protagonistas e da obra. O tríptico islâmico-cristão-judaico das "fontes" em que se baseia para arquitetar a narrativa abre perspectivas de colocar sobre o palco os mesmos personagens, sob luzes opostas. Por isso, no sagaz e requintado mosaico de fatos da história do Leste europeu, Pavić transforma o personagem do sonho de um dos livros em protagonista do livro seguinte, e toda a trama relativa à suposta (ou verdadeira?) vida do povo kazar acaba sendo iluminada sob três perspectivas distintas. As três civilizações (a judaica, a islâmica e a cristã) tornam-se, simultaneamente, pontos de partida e de chegada de todos os percursos sintagmáticos possíveis que o leitor eleja para (re)construir as partes da narrativa, e todos os personagens acabam tendo versões complementares e distintas.

Evidencia-se, ainda, o fato de que o romancista fundamenta o livro nas fontes históricas contraditórias sobre o real destino do povo kazar. Pavić vai acrescentando, no entanto, de maneira arguta, novos condimentos, a cada passo, de sorte que segue inventando arabistas e orientalistas de renome (sic), preocupados em seguir as trilhas do Império Kazar, e cujas biografias sumárias relata na obra. Livro de um teórico respeitado e erudito reconhecido, o *Dicionário Kazar* propõe, o tempo todo, desafios (quase) impossíveis ao leitor, uma vez que se torna inviável separar os limites entre a ficção e a complexa história de Bizâncio, da Rússia, da Bulgária, da Sérvia, do Império Otomano, do Islã ou do Império Austro-Húngaro.

Ao buscar a "heteronímia dos personagens", o autor vai iluminando os mesmos fatos com a visão de mundo construída e reiterada por três civilizações diferentes. Subjaz a noção de que assim como a língua manifesta-se em infinitos atos de fala, a obra literária realiza-se em (ou como) infinitos processos de leitura, sempre submetidos a conflitantes visões de mundo. Sobre tudo quando o autor espalha armadilhas, condicionadas por conceitos cristãos, judaicos e islâmicos de Bem e Mal, vida e morte, céu e inferno etc.

Construção/desconstrução

O romance-enciclopédia não possui personagens principais. Tanto a princesa kazar Ateh (descubra, caro leitor, se ela existiu ou é produto da imaginação do autor...) quanto o nobre sérvio da família dos Brankovići (que teve existência histórica), tanto o esgrimista copta Skila Averkije (uma das personificações do Demônio) quanto o escritor sefardita Samuel Koen (um dos autores do *Dicionário Kazar*, segundo Pavić) podem ser protagonistas, coadjuvantes ou simples produto da imaginação – de quem redigiu o romance-enciclopédia ou de quem o lê, caro leitor...

E não é por outro motivo que o *Dicionário Kazar* possui duas páginas de rosto. A primeira, de 1984, identifica o iugoslavo Milorad Pavić como autor do romance-enciclopédia em 100 mil palavras, editado em Belgrado, em 1984. A segunda, de 1691, atribui o *Lexicôn Cosri* (original, porém reconstruído por Pavić, caro leitor...) ao polonês Joannes Daubmannus, habitante da Prússia do século XVII. Um outro desafio para os leitores: qual das duas obras será lida, em verdade, na edição em servo-croata? A que Milorad Pavić afirma ter "compilado" ou aquela, reconstituída por Pavić, mas escrita por Daubmannus e que desapareceu, misteriosamente?

Milorad Pavić lança mais um repto-charada a seus confrades, teóricos da literatura: o que caracteriza um gênero literário? É possível classificar a obra literária em gêneros, espécies e formas, como um paleontólogo procede ao examinar borboletas? Ou um romance-enciclopédia pode conter, simultaneamente, história, ficção, isto é, poesia e prosa, e até um *pastiche*, em

hebraico, baseado num poema de Yehuda Alevi, ou Abul-hassan al-Lavi, que viveu entre 1075 e 1141?

Talvez uma das observações mais argutas a respeito do *Dicionário Kazar* tenha sido feita pelo poeta iugoslavo Raša Livada (nascido em 1948), para quem o romance-enciclopédia pode ser encarado, ao mesmo tempo, como romance, como série de contos articulados de modo in(ter)dependente, como livro de poemas, estudo histórico ou "literatura absoluta". Restaria acrescentar: metaprosa.

Pavić emerge com seu romance-enciclopédia como uma espécie de Umberto Eco eslavo, ou seja, um teórico capaz de produzir uma ficção não-convencional e preocupada com os processos de construção/desconstrução do texto literário. Em verdade, ao articular a obra como uma série de verbetes in(ter)dependentes, o autor fornece uma das (múltiplas) chaves de leitura. O leitor pode interpretar a chave de leitura de maneira convencional e, nesse caso, lerá o romance-enciclopédia como um romance, percorrendo o texto do começo ao fim. Pode, contudo, entender a chave de leitura como um processo que independe da ordenação conferida ao texto pelo autor e, assim, pode ler a obra como uma série de contos, de fragmentos intercalados. Mas o leitor pode entender que os verbetes-fragmentos não são, necessariamente, interdependentes. Nesse caso, com certeza, vai proceder a um percurso próprio, singular, que lhe permite embaralhar não somente os três livros (Vermelho, Amarelo e Verde) contidos no *Dicionário*, mas também toda e qualquer seqüência imposta pelo autor. Talvez seja este o leitor que Pavić busca, na medida em que a cada nova leitura surgirá, de fato, uma nova obra, distinta daquela composta pelo escritor...

Fala-se, hoje, de uma nova poesia, produzida na Europa Central-Oriental, cujos representantes maiores seriam os húngaros Sándor Weorös e György Somlyó, o iugoslavo Vasko Popa, o polonês Zbigniew Herbert, o tcheco Miroslav Holub, e o soviético Guenádi Aigui. Cabe observar, no entanto, que Pavić e sua compatriota Dubravka Ugrešić (nascida em 1949) – também uma especialista em literatura (russa) –, com o romance *Štefica Cvek u raljama života* patchwork story (Chtéfitza Tzvêk nas mandíbulas da vida – *patchwork story*, publicado em 1981, representam não uma nova prosa, mas um novo conceito de ficção, que foge aos cânones. Ambos colocam os problemas da criação/consumo da obra de arte literária num plano privilegiado em seus livros, de maneira singular, porque toda e qualquer teorização acaba sendo fundida na *práxis*, de tal modo que a relação dialética entre teoria e prática emerge do processo de leitura de suas obras.

Pavić retoma no seu romance-enciclopédia um filão tradicional da cultura da Europa do Leste: o maravilhoso, o fantástico, o mítico. A literatura oral, em servo-croata, por exemplo, fornece uma longa série de modelos, assim como a tradição oral (sobretudo o folclore) da vizinha Hungria. Na poesia iugoslava moderna, em idioma servo-croata, cabe a Vasko Popa (nascido em 1922) o papel de retomar o mito e os heróis lendários, a tradição histórica etc., e retrabalhá-los num processo minimalista, muitas vezes permeado por reflexos do Barroco e da linguagem cinematográfica. Pavić, contudo, empreende uma empreitada de maior vigor, porque busca abarcar, ao mesmo tempo, o processo de desconstrução da obra literária (ancorado no binômio leitor/leitura) e um processo de marchetaria dos gêneros literários tradicionais, tendo como pano de fundo um vasto painel de fatos históricos. Por isto, o *Dicionário Kazar* é mais que um romance-enciclopédia: é uma obra-desafio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) DERETIĆ, J. *Istorija Srpske Književnosti* (História da literatura sérvia), Belgrado, Nolit, (1983).
- (2) MARGULIES, M. *A evolução dos contatos intergrupais na Europa da Idade Média através do relacionamento entre judeus e russos*. Tese de doutoramento em História, apresentada à FFLCH da USP, 1970.
- (3) *POVIEST Vremiënnikh Liët* (po lavrentievskoi liëtopisi 1377 góda) (A crônica de Nestor). Moskvá-Leningrád, Izd-vo Akadiëmii Naúk SSSR, 1950.
- (4) *PUTOVANJE Ibn-Fadlana, izašlanika halife Al-Muktadira, u zemlje turaka, hazara, rusa, saka-liba i druge* (A viagem de Ibn-Fadlan, emissário do califa Al-Muqtadir, às terras dos turcos, kazares, russos, saqalibas e outros). Tradução do árabe para o servo-croata de Nijaz Dizdarević. In: *Književnost*, Belgrado, Prosveta, 1987, I: 108-31.
- (5) VERNADSKY, G. *Essai sur les origines russes*. Traduit de l'anglais par Albert Colnat. Paris, Librairie A. Maisonneuve, 1959.